

**O tempo e a expressão da alteridade de si,
nos fundamentos para uma biologia filosófica (o Princípio Vida), de Hans Jonas***

Marcia Cristina Fixel Oliveira Cunha

Graduanda em Filosofia (Bacharelado)/UFRJ
Especialista em Comunicação e Saúde/FIOCRUZ
Graduada em Comunicação Social/UFF
e em Artes Cênicas/UNIRIO

RESUMO: Como habitantes da nave Terra em um momento histórico em que o ser humano ou esquece-se de deslumbrar-se com o fato de estar vivo, em atos de consumo que extrapolam e agridem tanto sua necessidade quanto a sua liberdade de viver, ou relaciona-se de forma desmembrada com o fenômeno da vida, desconectando-se da interdependência entre sua alma e seu corpo, e o profundo envolvimento que este binômio mantém com toda a sua vizinhança concreta e sutil, pode ser instigador nos depararmos com um pensamento, como o do filósofo alemão Hans Jonas, que procura resgatar e atualizar os princípios da vida. Ao fazer isso, acusa colateralmente o nosso atual mergulho nos princípios da morte como parâmetro equivocado para o viver. Aluno de Martin Heidegger e seguidor da tradição hilemórfica de Aristóteles, Jonas afirma que na mais elementar expressão do orgânico, a dimensão espiritual está presente, assim como o orgânico permanece nas mais elevadas expressões do espírito. É nesta complexa e, para ele, indissociável relação entre corpo e espírito que este filósofo irá percorrer sua investigação. De acordo com o sentido natural das investigações aristotélicas sobre a alma como princípio de movimento ter recaído em um estudo sobre o comportamento humano, Jonas também irá se deparar, como efeito colateral dos seus estudos, com a necessidade de alertar para a ética. E a ênfase da sua ética está em um voltar-se para o futuro. O futuro como um conceito intrínseco ao fenômeno da vida. Procuraremos com nossa breve apresentação passar por alguns dos principais conceitos com que Jonas trabalha esta relação entre corpo, espírito, princípio vida e ética.

Palavras-chave: Matéria; Alma; Princípio Vida.

* Comunicação apresentada no II Seminário Hans Jonas da UFRJ, realizado em dezembro de 2016, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

INTRODUÇÃO

Enquanto o momento pontual - cada momento do tempo - de uma totalidade material a apresenta completa, podendo teoricamente ser substituído por qualquer outro, o corte momentâneo de um organismo, por mais materialmente completo que seja, apresenta tudo menos o que importa, a vida, cuja forma só pode ser encontrada no temporal e nas totalidades de suas funções. É a temporalidade, e não o espaço simultâneo, que constitui o meio da totalidade de forma do ser vivo, e esta temporalidade não é um estar indiferentemente um fora do outro, como é o tempo para os movimentos da matéria, para a sequência de seus estados, mas sim o elemento qualitativo da representação da forma mesma da vida, por assim dizer o meio de ligação de sua unidade com a multiplicidade de seus substratos - ligação esta que no seu progresso dinâmico é precisamente a vida. (JONAS, 2004. p 102)

Como habitantes da Terra em um momento histórico em que o ser humano ou esquece-se de deslumbrar-se com o fato de estar vivo, em atos de consumo que extrapolam e agridem tanto sua necessidade quanto a sua liberdade de viver, ou relaciona-se de forma desmembrada com o fenômeno da vida, desconectando-se da interdependência entre sua alma e seu corpo, e o profundo envolvimento que este binômio mantém com toda a sua vizinhança concreta e sutil, pode ser instigador nos depararmos com um pensamento que procura resgatar e atualizar os princípios da vida, e que, ao fazer isso, acusa colateralmente o nosso atual mergulho nos princípios da morte como parâmetro equivocado para o viver.

O alemão Hans Jonas, aluno do fenomenólogo Martin Heidegger, e seguidor da tradição hilemórfica de Aristóteles, é um dos filósofos contemporâneos que irá se contrapor à herança considerada cartesiana, que supõe que a natureza é algo fora de nós, algo completamente objetivável, como uma máquina a descobriremos-lhe a engrenagem, para a colocarmos à serviço da nossa ciência moderna. Uma ciência, no entanto, que exclui justamente o fenômeno da vida.

Para Jonas, na mais elementar expressão do orgânico, a dimensão espiritual está presente, assim como o orgânico permanece nas mais elevadas expressões do espírito. É nesta complexa e indissociável relação entre corpo e espírito que o nosso filósofo irá percorrer sua investigação, deixando-nos como legado não só uma revisão da psicologia aristotélica, como, de certa maneira, superando-a, ao acrescentar a visão evolutiva da hierarquia entre as espécies, dialogando com Charles Darwin.

Além do mais, Jonas, de acordo com o sentido natural das investigações aristotélicas sobre a alma como princípio de movimento ter recaído em um estudo sobre o

comportamento humano, ele também irá se deparar, como efeito colateral dos seus estudos, com a necessidade de alertar para a ética. E a ênfase da sua ética está em um voltar-se para o futuro. O futuro como um conceito intrínseco ao fenômeno da vida.

Procuraremos com este trabalho passar por alguns dos principais conceitos com que Jonas trabalha, esperando nas considerações finais melhor esclarecer, por consequência, os comentários tecidos nesta breve introdução.

2. ALGUNS DOS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE HANS JONAS

Hans Jonas corrobora com Martin Heidegger, seu professor, quando este diz que ser é tempo. E desenvolve que na unidade há multiplicidade de substratos, diferenciando-se um pouco do mestre Aristóteles.

Para Jonas, é um equívoco concretizar abstrações, ou colocar o ser repousado na matéria, ou identificar um substrato material momentâneo com o ser, pois não há cisão entre matéria e interioridade, mas união entre os dois no corpo vivo, formando a nossa unidade psicofísica. Para ele, o espírito não existe sem a matéria, mas se expressa na matéria. Ele vai além do dualismo entre espírito e matéria de René Descartes, e caminha para uma visão holística da vida. Só a análise do corpo, por um lado mecânico do organismo, não dá conta do que é vida. Mas, antes: é preciso considerar o corpo como extensão da interioridade, como limite exterior da alma, como expressão do nosso espírito. Nós somos o nosso corpo, mas um corpo espiritual, não só material. Defendendo o holismo, ao invés de um dualismo que cinde o ser vivo, Jonas defende o humanismo integral. E o ser deste humanismo integral precisa ser auto afirmado o tempo todo. O corpo como a expressão do nosso espírito, e a própria razão como função da vida. A noção de identidade entra no mundo com a vida. Pois tudo o que não é o si próprio é o mundo. A identidade está sempre na tensão eu-mundo, na relação eu-mundo, através do alimento do mundo, da troca com o mundo. Desde o micróbio até o ser humano, exercemos a escolha de nos mantermos vivos, numa escolha teleológica.

Assim, entre liberdade e necessidade, a expressão do ser vivo se faz. A vida é esta expressão, desde a mais básica até a mais complexa situação. Para Jonas, a liberdade é a essência da vida, o seu traço ontológico fundamental. E é a liberdade que leva à evolução. Mesmo com o mistério do vir-a-ser permanecendo vigente em Jonas, sua hipótese de que o conceito de liberdade leva à evolução é a de que “já o princípio que fundamenta a transição de substância sem vida para a substância viva foi uma tendência nas profundezas do

próprio ser designada por esta palavra” (JONAS, 2004. p 106). A liberdade como princípio ontológico fundamental da vida em si, mas também como princípio contínuo para graus mais elevados.

Este exercício da liberdade se torna mais complexo, à medida da evolução. O ser vivo é essa expressão da liberdade no tempo. Mas Jonas não fica apenas na metafísica, ele parte do concreto para afirmar isso. Na relação entre liberdade e necessidade, a sabedoria não estaria no controle, mas em seguir as leis naturais. Leis que permanecem para além da nossa filosofia, apresentando seu aspecto de mistério, e, também, sua sugestão de expansão.

O ser vivo, ao buscar trocar com o meio, mostra-se necessitado, carente, vulnerável, num ciclo em que o que nos é estranho, é, potencialmente, próprio! A necessidade implica transcendência porque possibilita esta troca com o meio, com o que está fora de nós. A vida é esta possibilidade de todas as possibilidades, ao posto que a morte é o contrário: a impossibilidade de todas as possibilidades. E o ser humano, como veiculador de muitas necessidades, promove mais liberdade, pois possibilita haver mais trocas, realizando, assim, mais transcendência.

O ser e o mundo, a ipseidade e a alteridade estão em uma intensa relação transformadora e, nesta relação, não é possível separar a matéria da forma, considerar uma realidade intelectual apenas, e, não, concreta. Neste sentido, Jonas corrobora com seu professor Heidegger quando este alerta para o perigo de o ser humano achar que pode se relacionar com a vida apenas com uma razão calculante, enquanto que esta deve trabalhar junto com a razão meditante. Trabalhar apenas com uma razão calculante seria o excesso da tecnociência. Portanto, o modo de ser do homem tecnocientista não seria completamente racional.

Ao conjunto destas duas razões, calculante e meditante, à união entre matéria e forma, à essência do ser humano, Jonas chama de autenticidade.

O interessante da vida é que sentimos nossa autenticidade a partir da alteridade, da troca com o outro, com o meio, com a diversidade do mundo, com a pluralidade de ideias. É a sensação disso tudo que permite que possamos escolher. E é a consciência intencional que dá sentido ao mundo, numa dialética amorosa de vida:

O caráter mediato da existência animal se encontra na raiz de mobilidade, percepção e sentimento. Ele produz o indivíduo isolado que se defronta com o mundo. Mundo este ao mesmo tempo convidativo e ameaçador. Ele contém as coisas de que o animal necessita, e este tem que pôr-se a caminho e procurá-las. E contém também os objetos do medo, e o animal, como pode fugir, tem que fugir. Neste mundo o animal não é uma parte inserida e estável. A sobrevivência passa a ser

uma questão de comportamento em determinadas ações, em vez de estar garantida por um funcionamento orgânico bem adaptado. Esta maneira precária e exposta de ser obriga à vigilância e ao esforço, ao passo que a planta pode dormir. Respondendo ao atrativo da presa, de que a percepção lhe deu notícia, a vigilância transforma-se na tensão da caça e no gozo da satisfação: mas conhece também o incômodo da fome, o flagelo do medo, o esforço angustiado da fuga. Mesmo a perseguição pode terminar na decepção do fracasso. Em suma: o caráter indireto da existência animal disponibiliza em sua vigilância as possibilidades gêmeas do prazer e da dor, ambas casadas com o esforço. A capacidade de ambas nasce como uma mesma coisa na evolução, e a sujeição ao sofrimento não é uma falha que tire um pouco da capacidade de gozar, mas sim o seu complemento necessário. Por isso o sofrimento inato à existência animal não é primariamente o da dor (que é o acompanhamento ocasional), mas sim o da falta e do medo, isto é, um aspecto do desejo da natureza como tal. O desejo é a forma assumida pelo interesse elementar de toda vida em si mesma sob as condições da mediatez animal, onde ela se emancipa da necessidade de ficar imersa em uma função orgânica cega, assumindo uma função própria: sua função são as emoções. *O ser animal é essencialmente um ser apaixonado.* (JONAS, 2004. pp 129-130).

No pensamento de Jonas, o ser vivo inserido nesta dinâmica espaço-temporal realiza sua experiência com a liberdade. Na dimensão espacial, ele realiza troca com o meio, satisfazendo suas necessidades do agora, e na dimensão temporal, ele faz isso voltado naturalmente para o futuro, como se o nosso agora se estendesse para o vir-a-ser. O corpo está sempre buscando satisfazer no momento seguinte sua necessidade do agora, constituindo o devir. O outro e o mundo estão sempre presentes junto ao eu. Para Jonas, a experiência da liberdade é um pré-requisito para a verdade. No espaço, por exemplo, exercemos esta liberdade através da percepção da distância. Entre a percepção e o movimento, realizamos a transcendência desde o orgânico. No encadeamento evolutivo de uma espécie para outra, a vizinhança da planta é imediata, e a vizinhança do ser humano é desde a mais próxima até o espaço sideral, na percepção do mistério que o cerca. Conservar o mistério é conservar a nossa própria condição humana. O sagrado não devendo ser violado, mas preservado.

Com a lembrança da teleologia aristotélica, Jonas diz que finalidade “é em primeira linha um caráter dinâmico de uma certa maneira de ser, que coincide com a liberdade e a identidade da forma em relação à matéria, e só em segunda linha um fato da estrutura ou organização física (JONAS, 2004, p 111). Ou seja, o interesse como o próprio princípio da interioridade. O ser vivo sai da estabilidade do mundo inanimado, em que o passado causa o futuro, para estabelecer outro tipo de equilíbrio, baseado na abertura. No ser vivo, as coisas do passado não determinam mecanicamente ou necessariamente o futuro. Esta memória do passado se mantém presente, mas sua visada para o futuro move mais que a

do passado. A identidade é um produto funcional, que constituímos a cada momento. A noção de teleologia, então, embute a noção de risco. E a liberdade, nestas noções, coincide com o próprio processo da vida. O fato de termos um objetivo, por exemplo, não exclui o fracasso de o alcançarmos... E é um tanto óbvio que quanto maior for o grau de liberdade, maior será a complexidade, e, portanto, maior a possibilidade de risco.

A razão, seguindo este raciocínio, pode ser considerada, de certa forma, como uma função da própria contingência animal, que precisa lidar com a ação e o com o objetivo da ação, com a lacuna que habita entre uma situação e outra. E o refinamento da razão é um seguir esta complexidade da escala evolutiva.

Este caráter mediato da ação vital pelo movimento exterior constitui a característica distintiva do animal. É ao lado da *curvatura* deste arco que está sediada a liberdade e o risco da vida animal. O movimento dirigido para fora é um dispêndio que só é compensado pelo êxito final. Mas este não é um êxito garantido. Para que possa ser bem-sucedida, a ação encaminhada para fora tem que ser de tal natureza que também possa falhar. (JONAS, 2004, p 129)

Por isso, não há percepção do prazer sem dor, nem dor sem prazer. A capacidade da dor e do prazer surge como uma mesma coisa na evolução, uma como complemento da outra. Assim, para Jonas, são a falta e o medo o sofrimento inato à existência animal, sendo estes a expressão do interesse elementar de toda vida sob as condições da mediatez animal, uma expressão do desejo. Quando o ser autônomo enxerga uma possibilidade de realizar o seu desejo numa situação, é sinal de que aquela possibilidade é importante para a sua própria sobrevivência, para toda a sua vivência. A vida, nesta perspectiva, como ele diz, se emancipa de uma função orgânica cega, assumindo a função própria das emoções, e gerando um ser animal que é essencialmente apaixonado.

Como resposta ao excesso de excitação pela percepção do meio que o ser humano sente, dizem os antropólogos (MORRIS, 1996) que nós, “os macacos nus”, somos o animal mais sensualizado. Uma evidência disso é que, ao termos optado por ficarmos eretos, mostramos também de frente os órgãos sexuais, que em todos os outros animais ficam mais escondidos. Outra evidência é que, enquanto o macaco peludo exhibe a parte de dentro dos seus lábios quando quer evidenciar sua satisfação, o macaco pelado desenvolveu uma boca em que esta parte já é naturalmente voltada para fora, num símbolo de envolvimento amoroso constante com o meio.

Nas palavras do biólogo, zoólogo e etólogo, especializado em sociobiologia humana, o inglês Desmond Morris,

Entre nós, afagos, pressões e carícias são muito mais abundantes do que entre os outros primatas. Temos ainda vários órgãos especializados, como lábios, lobos das orelhas, mamilos, mamas e órgãos genitais, com numerosas terminações nervosas e que se tornaram intensamente sensíveis à estimulação erótica. Os lobos das orelhas parecem mesmo ter-se desenvolvido exclusivamente para esse fim. (...) se olharmos para as outras espécies primatas, verificaremos que não possuem lobos de orelhas carnudas. Parece (...) elementos novos e, quando descobrimos que se ingurgitam de sangue e se tornam hipersensíveis durante a excitação sexual, restam poucas dúvidas de que se desenvolveram para proporcionar outra região erógena. (...) Tal como os lobos das orelhas e o nariz saliente, os lábios da nossa espécie são um fenômeno único, que não se encontra nos outros primatas. Claro que todos os primatas têm lábios, mas que não se viram para fora, como os nossos. Um chimpanzé pode mover os lábios para fora e para dentro em arremedos exagerados, expondo a mucosa que normalmente se esconde dentro da boca. Mas os lábios são mantidos nessa posição apenas durante um curto período, e o animal volta a ter a sua face normal, com 'lábios finos'. Nós, pelo contrário, temos os lábios permanentemente voltados para fora. (...) Para o chimpanzé, isso [o beijo] é mais um sinal de saudação do que sexual, mas na nossa espécie, o beijo é usado com ambos os significados e torna-se mesmo particularmente frequente e prolongado durante a fase pré-copulatória. A esse respeito, era possivelmente mais conveniente manter as superfícies mucosas sensíveis permanentemente expostas, de modo que não fossem necessárias contrações musculares especiais da região bucal durante os beijos prolongados. Mas isso é apenas parte da história, visto que os lábios mucosos e expostos evoluíram com uma forma característica e bem definida, demarcando-se muito bem da pele que os rodeia. Dessa forma, podem também constituir importantes sinais de atração visual. (MORRIS, 1996, pp 36-37)

Ao hilemorfismo, à matéria-forma que nos constitui, a forma viva seria a forma libertada da fixidez da matéria, não havendo nenhum momento em que sua forma seja exatamente igual a si em outro momento. Nela há a capacidade da autonomia, da administração das próprias prioridades. Jonas diz que, saindo da segurança da identidade física para a ousadia da diferença e da liberdade, “a forma vital se eleva acima da matéria - ao mesmo tempo que fica exposta a toda matéria do contexto ambiental” (JONAS, 2004, p 122). Este princípio vital que une espírito e matéria está presente em todos os organismos vivos.

Esta questão da cadeia evolutiva da vulnerabilidade, com relação a esta intensa complexidade transicional com o meio, fica muito evidente na diferença entre os bebês humanos e animais, com a permissão de outra remissão antropológica:

Como a batalha havia de ser ganha com a cabeça e não com os músculos, teve de tomar dramáticas medidas evolutivas para aumentar a potência do cérebro. Aconteceu uma coisa muito estranha: o macaco caçador tornou-se um macaco infantil. Aliás, esse toque evolutivo não é único; aconteceu num certo número de casos bem distintos. Posto em

termos muito simples, trata-se de um processo (chamado neotenia) pelo qual certos caracteres juvenis ou infantis são mantidos e prolongados na vida adulta. (...) Compreende-se melhor como o processo de neotenia pode ajudar o cérebro dos primatas a crescer e a se desenvolver se considerarmos o feto de um macaco típico. Antes do nascimento, o cérebro dos macacos aumenta rapidamente de tamanho e complexidade. Quando o animal nasce, o cérebro já atingiu 70% do tamanho do cérebro do adulto. Os restantes 30% crescem também rapidamente durante os primeiros seis meses de vida. Mesmo no chimpanzé, o crescimento do cérebro completa-se antes da idade de doze meses. Pelo contrário, na nossa própria espécie, o cérebro tem à nascença apenas 23% do tamanho do cérebro do adulto. O crescimento rápido prolonga-se durante os seis anos que se seguem ao nascimento e o crescimento total não se completa antes dos vinte e três anos de idade. (...) O cérebro não foi a única parte afetada: a postura do corpo foi influenciada no mesmo sentido. Um feto de mamífero tem o eixo da cabeça em posição perpendicular ao eixo do tronco. Se nascesse assim, a cabeça ficaria voltada para o chão quando o mamífero se deslocasse a quatro patas; mas, antes do nascimento, a cabeça roda para trás, de forma que o seu eixo prolongue o eixo do tronco. Assim, quando o animal nasce e começa a andar, a cabeça inclina-se para a frente, da maneira conhecida. Se esse animal comesse a andar sobre as patas traseiras e em postura vertical, a cabeça apontaria para cima, olhando para o céu. Para um animal vertical, como o macaco caçador, era pois importante conservar o ângulo fetal da cabeça mantido perpendicularmente ao do corpo, de modo que a cabeça tendesse para a frente, na nova postura locomotora. Claro que assim aconteceu, constituindo mais um exemplo de neotenia, visto que o estado pré-natal se manteve na fase pós-natal e na idade adulta. Muitas das outras características físicas do macaco caçador foram adquiridas dessa forma: o pescoço longo e esguio, a face achatada, os dentes pequenos e tardios, a ausência de arcadas supraciliares espessas e a não rotação do dedo grande dos pés. O fato de tantas características embrionárias diferentes representarem uma valiosa potencialidade para as novas funções do macaco caçador forneceu-lhe a saída de que ele precisava. Com um golpe neotênico adquiriu o cérebro de que necessitava e o corpo condizente. Podia, assim, correr em posição vertical, manter as mãos livres para empunhar armas e, ao mesmo tempo, foi desenvolvendo um cérebro capaz de criar armas. Além disso, não só se tornou mais desembaraçado no manejo de objetos, mas também passou a ter uma infância mais longa, durante a qual podia aprender com os adultos. Os macacos e os chimpanzés muito novos são brincalhões, curiosos e inventivos, mas essa fase passa depressa. Nesse particular, a infância dos macacos pelados foi prolongada mesmo através de uma fase já sexualmente adulta. Havia muito tempo para imitar e aprender as técnicas especiais introduzidas pelas gerações anteriores. Os seus pontos fracos como caçadores, tanto físicos como instintivos, eram amplamente compensados pela inteligência e capacidade de imitação. Podia ser ensinado pelos adultos de uma forma que nenhum outro animal o fora anteriormente. (MORRIS, 1996, pp 19-20)

Os bebês animais ficam mais rapidamente prontos e independentes para a própria sobrevivência do que os bebês humanos. Por outro lado, é como se o nosso desenvolvimento ocorresse numa relação muito mais intrínseca com o meio. Quanto maior

a complexidade do ser, maior a abertura para o mundo. Esta vulnerabilidade da vida, seja ela menos ou mais complexa, é o fundamento metafísico de Jonas, e que irá respaldar a sua ética do futuro. Pois é a partir da capacidade do ser de perceber o mundo que ele irá agir.

3. A ÉTICA DO FUTURO DE HANS JONAS

Uma das afirmações mais contundentes de Jonas é que, mesmo na sua forma mais ínfima, o orgânico prefigura o espiritual, e o espírito, mesmo em sua capacidade mais elevada, permanece parte do orgânico. A partir desta visão, nós, modernos, viveríamos sob os auspícios de uma ontologia da morte, ou seja, de uma ontologia fora desta relação.

No pensamento antigo grego, mais precisamente com Aristóteles, a alma é princípio de movimento, de causalidade, sendo movimento a atualização de uma potência do ser. Já no pensamento moderno, movimento seria a quantidade mensurável de deslocamento no espaço e tempo.

Hans Jonas aponta para uma mecanização da natureza, nesta diferença. Aponta que a coexistência dos dois, *res extensa* (corpo) e *res intensa* (alma), é um problema que a modernidade tenta “resolver”. Ele critica que a modernidade veja como um “problema” justamente a relação que é a constitutiva mais básica da vida: a relação entre corpo e alma.

A este dualismo, Jonas contrapõe a liberdade, que é construída entre a percepção e a ação. E esta liberdade está presente desde o organismo mais primitivo, através do seu processo metabólico, através da renovação da sua matéria, através da sua troca com o ambiente. Mas não que desde os seres mais primitivos esteja toda a informação, pois sua teoria é a de que todos os seres estão em expansão, a partir de um eros cósmico, numa grande tendência à criação.

A liberdade, desde o micróbio, se expressa através da liberdade na necessidade. Assim como em Spinoza a liberdade é uma aproximação do ser consigo mesmo, é realizar sua potência, desde o micróbio é se manter na existência, na perfeição, e na própria liberdade. Pois vida é o campo onde irrompe a possibilidade, e, conseqüentemente, a liberdade.

A ética do futuro de Jonas se baseia no fato de os organismos vivos poderem projetar um futuro a partir da sua sobrevivência. E, quanto maior a complexidade da liberdade, maior também deve ser a responsabilidade sobre a ação decorrente desta percepção, para que seja uma ação que age naturalmente de acordo com a manutenção da vida e das gerações futuras, e, não, o contrário. Se o surgimento naturalmente perfeito da

nossa racionalidade nos faz pensar sobre as consequências das nossas ações, nada mais natural também que nos detenhamos na realização de uma ética orientada para o futuro. O encadeamento entre percepção, emoção e ação é o vínculo que liga a biologia à ética.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hans Jonas rejeita a herança cartesiana presente ainda hoje numa modernidade tecnocientífica porque esta suprime a força causal da interioridade, dizendo no máximo que ela existe mas que não pode ser medida. Jonas vai dizer, seguindo os princípios de causalidade de Aristóteles, que a vida tem um propósito, o que não quer dizer que não haja a noção de risco teleológico na natureza.

A percepção sensível pertence à unidade psicofísica, e, sendo um dos aspectos da interioridade, tem uma força causal. No corpo sentimos a causalidade do mundo, e, através dele, causamos o mundo. A força causal se expressa pelo e por causa do corpo, que nos dá a imagem primordial do concreto. Para Jonas, qualquer ideia de causalidade no mundo é um ato, não um dado. A causalidade seria a vivência do eu prático. E é a partir da experiência corpórea que podemos fazer elaborações mentais. “(...) a partir da identidade dinâmica da forma, ela é o que é real na relação: não deixa que a matéria do mundo a atravesse passivamente, mas é ela própria que ativamente a atrai e a repele, e que através dela se constitui” (JONAS, 2004. p 103).

O dualismo cartesiano tentou cindir o ser vivo entre matéria e espírito, mas a experiência mostra que eles são a mesma coisa. Não é à toa que a ciência moderna explica muito bem o corpo morto, mas o corpo vivo permanece um enigma. Isto se dá porque, desde Aristóteles, devemos conhecer o vivo a partir do modo de ser do vivo, e, não, do do morto. A prioridade à *res extensa* pela modernidade subtrai a subjetividade como força causal. Mas mesmo se ou quando priorizasse a *res cogita*, continuaria subtraindo a forma mais ampla de se ter contato com a realidade, que é na unidade psicofísica. Para a modernidade, é imprescindível a separação entre sujeito e objeto para a construção do conhecimento. Mas se a realidade, como vimos em Jonas, se apresenta como espiritual e material ao mesmo tempo, esta seria uma falsa ciência, que nos apresenta um mundo sem espiritualidade.

Do ponto de vista da evolução:

A liberdade básica do organismo consiste, como vimos, em uma certa interdependência da forma com relação à sua própria matéria. Em uma descrição estritamente material do mundo tal dependência ou é um absurdo ou uma aparência enganosa. Mas não sendo mera aparência, então o seu ocorrer, que coincide com o da vida, significa uma revolução ontológica na história da ‘matéria’; e o desenvolvimento e aumento desta independência ou liberdade é o princípio de todo progresso na história da evolução da vida, que em seu decurso apresenta outras revoluções, cada uma delas um novo passo na direção tomada, isto é, cada uma abre um novo horizonte de liberdade. O primeiro passo foi a emancipação da forma, por meio do metabolismo, da identidade imediata com a matéria. Ao mesmo tempo isto significa o emancipar-se do tipo de auto-identidade fixa e vazia própria da matéria, em favor de uma outra espécie de identidade transmitida e funcional. Em que consiste a essência desta identidade? (JONAS, 2004, p 104)

A identidade é a forma corpórea do nosso organismo, este como limite da nossa interioridade. Seguindo essa lógica, até o menor micróbio teria um grau de identidade. E a nossa memória pode construir uma identidade a partir do passado, mas pode também esquecer-se do passado. O que não podemos fazer é esquecer-nos do futuro. Pois a orientação do ser é para a frente, voltada para o futuro. Nas palavras de Jonas, a esfera do orgânico não é adequada ao esquema temporal linear de antecedente e conseqüente, pois “a vida sempre já é também o que há de ser e o que se depara para ser: nela a ordem extensiva de passado e futuro está intensamente invertida” (JONAS, 2004, p 111).

Sendo assim, nada mais natural, do ponto de vista fundante, agir na direção da proteção da vida, sendo, mais do que alarmante, ontologicamente contraditório, qualquer ação ou pensamento que vá na direção oposta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JONAS, Hans. *O Princípio Vida: Fundamentos para uma Biologia Filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORRIS, Desmond. *O macaco nu: um estudo do animal humano*. Rio de Janeiro: Record, 1996.